

Corpos não modernos e a Antropologia na encruzilhada

Gilson José Rodrigues Júnior
(IFRN/ABA)

Perfeito, Osmundo, obrigado. Bom, em primeiro lugar, eu queria dar boa-tarde a todas e a todos e a todes, agradecer pela iniciativa do professor Osmundo Pinho pelo convite, pela possibilidade da construção desse momento, e, dessa forma, também agradeço à atual gestão da ABA, da Associação Brasileira de Antropologia, da qual eu faço parte, junto com o mesmo professor Osmundo, por possibilitar a realização desse evento, no caso deste webinar. Quero agradecer e expressar o quanto me sinto honrado e privilegiado por participar de uma mesa com Luena Pereira, Messias Basques, a professora Sônia dos Santos, certo? E agradecer a cada pessoa que está nos acompanhando aqui. E quero agradecer a essas pessoas que estão na mesa, que foram convidadas por Osmundo, dizendo que são pessoas que parte de um princípio, né? São pessoas as quais admiro pelo trabalho, admiro pelas trocas afetivas, admiro pelas trocas de qualquer tipo que tenha ocorrido, seja nesses últimos dias terríveis de pandemia, com contatos tão distantes, por meio da virtualidade, mas também tão necessários, que nos aproximaram de alguma medida, da forma como era possível. Pessoas com as quais me reforçaram a descrença em uma divisão entre, uma divisão cartesiana, portanto, colonialista, entre trabalho e afeto. Pessoas com as quais, quando não me encontrei presencialmente, as li, as ouvi, né? E as admiro, cada uma delas. E aí, isso se estende a tantas e tantas outras pessoas que nos antecederam, que abriram caminhos para que este webinar pudesse estar sendo realizado.

Quando eu falo da covid-19, lembro de tantas e tantos indígenas que, tal qual Ailton Krenak, nos lembram que a covid-19 foi um recado trazido pela Terra, Pachamama, Gaia, do swahili, né? Ilê aiyê, né? Do yorubá, enfim, que pode ser compreendido enquanto mãe-Terra ou Terra-mãe. Digo isso apenas pra lembrar dos alertas que esses diferentes povos originários, quilombolas, citando, como eu já disse, Ailton Krenak, Antônio Nego Bispo, entre tantas e tantos indígenas, pretas velhas, pretos velhos, ciganos e outros povos étnico-racialmente minorizados na história deste país, certo? Cacicas e caciques, por dar atenção ao que um dia um francês, Claude Lévi-Strauss, um dos nossos eleitos como clássicos, chamou de, alertou-nos a dar atenção, levar a sério o “pensamento selvagem”, tendo em vista que é selvagem porque não se adéqua aos controles de uma modernidade, de um Ocidente moderno, né? Atentando para que, seja do ponto de vista dos textos escritos, imagéticos ou na oralidade, é necessário dar atenção a diferentes conhecimentos. Por isso, também me remeto às compreensões de “quilombismo” de Abdias do Nascimento e à noção de “quilombo” de Beatriz Nascimento, que convergem para a compreensão deste espaço, deste corpo-território enquanto conjunto de práticas culturais do povo negro, corpo-território, lembrando aí Gersem Baniwa, que fala que nós somos corpos-territórios, portanto, estamos ocupando, estamos disputando territórios seja lá onde nós estivermos. E aí, isso tudo me remete ao próprio conceito de “sociogênese”, de Frantz Fanon, que vai nos lembrar que todos nós, indígenas, brancos, brancas, negras e negros, enfim, pensamos com os nossos corpos e, portanto, somos atravessados por experiências que influenciam nossa forma de ver, de andar, de escrever, de falar, o vir a ser o ser no mundo e nisto, né? As nossas escolhas, aquilo que apreciamos e aquilo que deixamos de apreciar, aquilo que exaltamos ou aquilo que rebaixamos. Enfim, e nisso, gostaria de, antes de continuar nesse caminho, gostaria de trilhar a encruzilhada que nos leva a esse lugar da criação, esse lugar do caos, né? Aproveitando que hoje é segunda-feira e, para os povos de matriz africana, é um dia dedicado ao orixá Exú, senhor dos caminhos, dos mercados, das trocas, da comunicação. E ontem, né?, entre sincretismos e

tudo mais do Brasil, a mistura do Brasil, foi, pra alguns, Dia de São Jorge, para outros, Dia Mundial do livro, mas para povos de matriz africana, é o Dia de Ogum, orixá das demandas, das tecnologias, daquele que abre caminho, por isso também agradecemos às mais velhas e mais velhos que nos antecederam nesse processo.

Bom, e eu queria trazer algo nessa encruzilhada aparentemente banal. Digo “aparentemente” porque a própria Antropologia também nos ensina que o banal apenas tem aparência de banal, né? Que é necessário estranhar o familiar, que é necessário olhar os mesmos caminhos de sempre de outra maneira. E, dito isso, gostaria de trazer algo, para alguns pode parecer inusitado, que é o Big Brother Brasil 23. De que ano? 2023. Esse programa “popular”. E como lembra o bom e velho Pierre Bourdieu, existem vários usos do popular, né? Inclusive pra estigmatizar, para exotizar, né? Este programa popular contou, pela primeira vez na sua história no Brasil, com metade dos seus participantes formados por pessoas negras e negros. E muito recentemente, uma gama deles, que era maioria no programa quando muitas pessoas brancas foram sendo tiradas do programa ou, como se diz no próprio linguajar do programa, eliminadas do próprio programa, eles tornaram-se maioria. Num dado momento, eles se sentaram um do lado do outro no sofá e tiraram foto mostrando a diversidade daqueles corpos negros, seja no seu tom de pele, seja na sua fenotípiã, de um modo geral. No entanto, no atual momento desse programa, todas as pessoas que perfilavam nessa foto foram também eliminadas, a maioria das quais foram retirados pelo público do programa, ficando três mulheres brancas. Fiquemos com essa informação e vamos voltar pra essa encruzilhada e continuar por outros possíveis caminhos.

Bom, ao me remeter a essas compreensões, quero também falar de Beatriz Nascimento, Abdias Nascimento, quando eles falam do quilombo enquanto conjunto de práticas culturais do povo negro. Por quê? Porque são práticas que remetem a uma existência, a uma história, uma história que está pautada no fundamento de Ocidente. Quero me remeter a Lélia Gonzalez quando fala de amefricanidade, dos povos originários, dos povos

negros em diáspora, né? E aí me remeto também a Stuart Hall quando pensa a diáspora não apenas na perspectiva dos povos judeus, mas sim na perspectiva também dos povos africanos, que foram também obrigados por outros caminhos, por outros motivos, e isso inclui a escravidão, a saírem de suas terras. Diáspora, conceitualmente dialogando com este autor, remete a abandonar obrigatoriamente e sem escolha o seu território, enquanto corpo-território. Compreendemos a violência que há nisso. E neste processo, povos negros em diáspora, povos ameríndios, construíram saberes que se encontraram também nessa encruzilhada, construíram conhecimentos, construíram teorias, construíram cosmovisões, construíram epistemologias. E neste processo, fica-nos a pergunta: O que fazemos com este conhecimento? Que atenção damos a esse conhecimento? E quando o professor Osmundo Pinho traz a discussão sobre educação no ensino na pós-graduação e na graduação, trazendo a discussão sobre África e diáspora, essa pergunta ganha ainda mais importância, ainda mais relevância.

E neste processo, eu gostaria também de fazer agradecimentos, eu gostaria de agradecer muito nesses vinte anos nos quais comecei minha trajetória profissional, isto é, quando inicio a fazer parte da história das Ciências Sociais e da Antropologia, metade da minha vida. Hoje estou com 40 anos.

Trarei às leitoras e aos leitores um relato pessoal, lembrando que, compreendendo que sempre partimos de um lugar pessoal, interpessoal, seja ele assumido ou não. Faço isto partindo do conceito “sciogene-se”, desenvolvido por de Franz Fanon. Agradeço às professoras, professores, orientadores que influenciaram a minha vida e, nestes vinte anos, quero agradecer, em específico, às professoras e professores, orientadoras e orientadores que influenciaram a minha vida, que me estimularam ao pensamento e provocar a enxergar coisas que, talvez, sem a sua presença, eu não teria enxergado, como, por exemplo, o próprio conceito de relativismo cultural e etnocentrismo. Esse último que, quando eu cheguei na graduação em Ciências Sociais, na UFRN, me soava um xingamento. Eu perguntava “essa aluna xingou esse professor de quê?”, né? Porque eu não sabia

o que significava aquilo, não fazia parte do meu léxico cultural, discursivo, aquele termo como tantos outros do nosso “academicês”, como dizem alguns autores.

E neste processo de agradecer e lembrar, sou grato por ter sido apresentado à obra de Émile Durkheim, apesar de não ter sido apresentado a Harriet Martineau, a qual é precursora de Émile Durkheim. Basta lermos textos dela que compreendemos as influências dela em Durkheim. Quero agradecer aqueles que apresentaram Florestan Fernandes, ainda que não tenham me apresentado Clóvis Moura ou José de Castro. Quero agradecer aqueles que me apresentaram Franz Boas, este europeu radicado nos Estados Unidos, fugindo do holocausto, onde teve seus pais ali executados. Boas talvez tenha sido o primeiro antropólogo do nosso cânone clássico que se posicionou, como homem branco que era, ao lado da população negra estadunidense. No entanto, não fui apresentado à Antenor Firmin, que décadas antes estava também combatendo e criticando as teorias eugénistas, racistas que construíram aquilo que Achille Mbembe vai falar da crença que se tornou dogma na base do Ocidente, que é a noção de superioridade intelectual da população branca mundial em relação à população negra e quaisquer outros grupos. Isto aparece no filme *Get Out, Corra*, pra quem gosta de cinema, quando um grupo branco — família Amistad — leiloa pessoas negras vivas, já no século XXI, as quais passarão por um procedimento cirúrgico, um tipo de lobotomia. Enfim, o filme mostra de maneira ficcional a crença de que o corpo negro deve ser sinônimo de força física a ser explorada, mas não de inteligência, de elaboração intelectual.

Enfim, meus agradecimentos não devem ser compreendidos como desagrado ou ironia. Parto de uma compreensão semelhante do que Achille Mbembe. O filósofo, ao ser questionado, pelo seu entrevistador, um homem francês e branco, sobre o porquê dele, tão crítico das teorias ocidentais, do Ocidente, da modernidade, continua a dialogar com autores europeus, por exemplo, brancos. Sua resposta foi: “A ignorância e a indiferença são dádivas dos poderosos.” Nesse processo, estou muito feliz em ter este conhecimento, no entanto, o que a ausência aqui apresentada nos informa

e, de alguma maneira, nos forma? Como na própria experiência do professor Messias Basques, que foi não apenas questionado, mas cobrado por seus alunos de graduação pela necessidade urgente de autorias negras nas disciplinas basilares da graduação. Por que que nós não tivemos acesso a isso? Eu e mais uma coletividade gigantesca de profissionais nas Ciências Sociais, de antropólogas, antropólogos, antropologues, os quais, desde a graduação, passando por mestrado, doutorado, não tivemos acesso a tantas e tantos autores que, particularmente, só vim ter acesso nos últimos seis ou sete anos.

Longe de “jogar fora o bebê junto com a água do banho”, como diz esse ditado terrível para quem, como eu, é pai, gostaria de trazer o trecho de uma entrevista de 1999, na qual Peter Fry entrevista Mary Douglas e aí ele pergunta quais são os motivos que fizeram ela escolher Evans-Pritchard, ou seja, ser, ter Evans-Pritchard como seu orientador, e ela fala: “Mas o fato é que eu escolhi o Evans-Pritchard porque ele era católico. Uma maneira de explicar isso é dizer que eu estava preocupada com o meu *conforto intelectual*. Eu era católica, mas em Londres já haviam me deixado bem claro que o catolicismo estava por fora, nos melhores círculos antropológicos, um anacronismo, uma curiosidade, um desconforto para os racionalistas. Por mim, isso era muito profundo.” Ela vai relatar que, junto com suas irmãs, foi deixada ao cuidado de freiras por sua mãe, por uma gama de coisas. Então, o catolicismo estava na base existencial de Mary Douglas, este é meu ponto, e ela procura um conforto. Fiquemos com a necessidade e/ou busca por zonas de conforto em mente, e sobre os desafios de nos movermos destas, quando necessário. Não estaria a Antropologia brasileira, hegemonicamente branca, se mantendo em zonas de conforto que só anunciam o que Aparecida Bento conceituou de *pacto narcísico da branquitude*?

Então, finalizando este texto, gostaria de retornar a uma pergunta: por que autoras e autores, que carregam em comum serem corpos marginais dentro da invenção de um Ocidente moderno — as/os quais venho chamando de corpos não modernos — inegavelmente importantes, não foram contemplados? Talvez, considerando que a maioria das mestras e mestres,

professoras, doutores e doutoras na Antropologia brasileira são pessoas brancas, “corpos modernos”, para os quais a modernidade foi construída, estiveram numa endogamia epistêmica, endogamia racial-epistêmica, tendo seus olhos voltados para os seus pares, para aqueles que se assemelham a si. E neste processo, estamos vivendo um momento muito importante de dez anos de ações afirmativas, agora onze, de uma entrada bastante maior do que era há vinte anos atrás, ou trinta ou quarenta anos, de estudantes negras e negros, de intelectuais negras e negros e indígenas, dentre outros grupos, produzindo e enriquecendo o espaço acadêmico, trazendo disputas territoriais, trazendo outras perspectivas, outras escritas.

Talvez seja o momento primordial de levar a sério as produções do que, ao longo dos últimos anos, estes corpos não modernos, corpos negros, indígenas, entre outros para os quais a modernidade escolheu o lugar, que era a margem. E com isso, concluo dizendo, é o momento de se romper com zonas de conforto, procurar o desconforto intelectual, ao contrário do que Mary Douglas confessa pra Peter Fry, e entender que essas ações afirmativas precisam estar presentes, não apenas na entrada de estudantes e colegas, mas nas nossas bibliografias. É emergencial que Lélia Gonzalez ou Anténor Firmin, dentre outras e outras, estejam nas nossas teorias I e II de pós-graduação ou nas nossas introduções à Antropologia na graduação, dentre outras disciplinas obrigatórias, e não apenas nas eletivas.

É necessário que compreendamos que estes lugares de poder, ocupados por alguns colocados como humanos pelo Ocidente, na discussão de sub-humanidade que Ailton Krenak traz, que se enxerguem neste lugar – a partir da racialização dos seus corpos, geralmente brancos, euro-brasileiros e com localizações geopolíticas hegemônicas – e questionem esse lugar. Sair ou não da zona de conforto deve ser visto, sim, como algo difícil e complexo, mas também como uma decisão que diz respeito a se as mudanças verbalizadas e alardeadas são, de fato, desejadas ou não. Portanto, é necessário que saiam da sua zona de conforto lendo aquilo que não liam; dialoguem com quem não dialogavam e, com isso, construamos uma outra Antropologia a partir de um outro Brasil, diverso. Não mais um Brasil

construído a partir de uma perspectiva portuguesa, europeia, consequentemente, branca.

É necessário romper com o pacto narcísico da branquitude nas nossas epistemologias e produções teóricas intelectuais, é necessário fugir de um salvacionismo epistêmico e dialogar o mais horizontalmente possível, mais cuidadosamente possível, entender que estes corpos não modernos, corpos *selvagens*, estão produzindo teoria, estão produzindo conhecimento, e esse conhecimento é importante, é válido e é revolucionário. Muito obrigado a todas e a todos, desculpem pelo estender da fala. Agradeço.